

OPINATIVOS E DE REVISÃO

MASCULINIDADES SAUDÁVEIS X MASCULINIDADES TÓXICAS

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes¹ 

HEALTHY MASCULINITIES VS TOXIC MASCULINITIES

MASCULINIDADES SALUDABLES VS MASCULINIDADES TÓXICAS

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre o constructo masculinidades, analisar definições, manifestações e tipos, bem como possibilidades de superação de efeitos de expressões negativas que interferem nas relações sociais. Para tanto, realizou-se um estudo de natureza qualitativa, ancorado em pesquisa bibliográfica, que permitiu a apresentação de pressupostos basilares da construção dos gêneros, suas expressões consideradas saudáveis e também as tóxicas. Tais constructos são assentados em relações de gênero assimétricas, desiguais, hierarquizadas, em padrões já consolidados ao longo da história e que são estereótipos do ser ‘machão’ – aquele que age com firmeza, virilidade, honra, dominação, poder, agressividade e, por vezes, violência, em uma prática sexual definida pela égide da indiscutível ‘superioridade’ e do controle da(o) parceira(o). Problematizou-se, também, as consequências negativas dessas expressões e possíveis caminhos em busca da equidade entre os gêneros.

Palavras-chave: Masculinidades; Identidades de Gênero; Equidade de Gênero.

Abstract: This article consists in reflecting about the masculinity constructs, analyzing definitions, manifestations and types as well as possibilities to overcome the negative expressions’ effects that interfere on social relationships. Therefore, a qualitative study was develop based on a literature review which showed basic assumptions of gender construction and your expressions that are considered healthy and toxics. Such constructions are based on asymmetrical, unequal and hierarchical gender relationships that were already consolidated in patterns throughout history and which are stereotypes of being “manly” – one who acts with firmness, virility, honor, domination, power, aggressiveness and, at times, violence. It is a sexual practice defined by the indisputable aegis of partner’s superiority and control. Also, it made possible to problematize negative consequences of these expressions, showing possible paths in favor of gender equity.

Keywords: Masculinity; Gender identities; Gender stereotypes.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la construcción del concepto de masculinidad, analizar definiciones, manifestaciones y tipos, así como las posibilidades de superación de los efectos de las expresiones negativas que interfieren en las relaciones sociales. Para esto, se realizó un estudio cualitativo, basado en la investigación bibliográfica, que permitió presentar supuestos básicos para la construcción de géneros y sus expresiones consideradas sanas y tóxicas. Tales constructos son assentados en relaciones de género asimétricas, desiguales, jerárquicas, en patrones ya consolidados a lo largo de la historia y que son estereotipos del ser 'macho' - aquel que actúa con firmeza, virilidad, honor, dominación, poder, agresividad y, en ocasiones, violencia, en una práctica sexual definida por la égida de la indiscutible 'superioridad' y control de la pareja. También permitió cuestionar las consecuencias negativas de estas expresiones, señalando posibles caminos en La busca de la equidad de género.

Palabras clave: Masculinidades; Identidades de género; Equidad de género.



¹ Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. tcrispf@uol.com.br

Introdução

Em meio às diferentes aprendizagens processadas ao longo de nossas vidas, estão também as que se referem às identidades de gênero, ao aprendizado do ser menina/mulher e do ser menino/homem, em suas múltiplas manifestações. Entendê-las como não herdadas nem resultantes unicamente de interações e funções orgânicas é entender que resultam de apreensões que são incorporadas a partir das experiências vividas em sociedade, ao longo do tempo.

Essa perspectiva culturalista admite que as relações sociais de gênero desempenham papel fundamental na aprendizagem das feminilidades e das masculinidades. E, embora tenhamos consciência de que não haja uma forma única e correta de ser mulher nem uma forma única e correta de ser homem, constatamos que mulheres e homens arquitetam suas identidades acreditando serem pertinentes ao seu gênero todos os dispositivos que lhes são impostos e, conseqüentemente, apreendidos (FAGUNDES, 2005).

O gênero se concretiza a partir das identidades ou percepções subjetivas que um indivíduo tem sobre si mesmo como mulher, como homem ou ambivalente (andrógino), que podem ou não coincidir com o sexo (fêmea ou macho) do nascimento. Contém, inclusive, uma base material ideológica que se expressa em relações de poder.

Complexo o quadro sobre a concretização dos gêneros e mais ainda as suas construções.

Reafirmamos o termo ‘construções’ porque, admitimos, parafraseando Simone de Beauvoir (1980), para quem “não se nasce mulher, torna-se mulher”, que “não se nasce homem, torna-se homem”.

Sim, nascemos machos ou fêmeas decorrentes do sexo determinado geneticamente e diferenciado, desde o início da vida intrauterina em gonadal, ductal, genital e somático. Tornamo-nos homens, contudo, a partir desses processos inatos acrescidos dos condicionantes sócio-histórico-culturais.

Por que masculinidades?

Ao conjunto de atributos, comportamentos e papéis geralmente associados ao ser menino e ao ser homem numa determinada época e numa determinada sociedade, denomina-se de masculinidade. A masculinidade consiste na identidade da pessoa que se entende como pertencendo ao sexo masculino e não ao feminino.

É um termo associado a comportamentos específicos definidos socialmente para os homens que desencadeiam uma positividade em diversos aspectos de sua vida, costumes e convivência com as outras pessoas de seu entorno familiar e social.

São tão diversas as formas de ser homem no mundo que optamos por nos referir à sua identidade de gênero como masculinidades, no plural, concordando com Kaufman (1995, p. 13) para quem:

[...] não existe uma única masculinidade, apesar de existirem formas hegemônicas e subordinadas a ela. Tais formas baseiam-se no poder social dos homens, mas são assumidas de modo complexo por homens individuais que também desenvolvem relações harmoniosas com outras masculinidades.

Entendemos como masculinidades hegemônicas² aquelas que compreendem um padrão de papéis e práticas que possibilitam a dominação dos homens sobre as mulheres. São normativas, impõem, inclusive, que todos os homens as assumam, posto que legitimam ideologicamente a subordinação global das mulheres a eles e isso lhes convêm. Resquício do patriarcado, o mais antigo sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, a partir do Século XVI veio se somar o capitalismo, que instituiu a hierarquização de poder dos homens sobre as mulheres nas relações de produção, de trabalho, nas

² Com base em Kaufman (1995) e em Connell e Messerschmidt (2013).

diferenças salariais, nos cargos de comando, entre outros aspectos³.

De forma articulada, os sistemas, o capitalismo e o patriarcado definem a associação da reprodução da vida às mulheres e da produção para a vida aos homens.

Se tomarmos como parâmetro a família patriarcal, o poder associa-se ao homem, visto como ‘chefe todo poderoso’, provedor, que tem a função de sustentar sua casa, sua companheira e sua prole, a partir dos recursos financeiros provenientes de seu trabalho.

Como as masculinidades ancoram-se na virilidade e no exercício de uma profissão socialmente visível, espera-se que os homens falem do que produzem, de suas aventuras, conquistas e sucessos em relação às feminilidades associadas, predominantemente, à emotividade, à fragilidade e à dependência (na maioria das vezes, em sequência, ao pai, ao irmão, ao marido e aos filhos), direcionam ‘a conversa’ das mulheres a fatos e coisas do mundo privado.

Entretanto, as masculinidades não são unívocas, genéricas e universais, ou seja, dependem da época e da sociedade em que estão inseridas. Ser homem no Ocidente difere do ser homem no Oriente, por exemplo, como também diferem as vivências de masculinidades em grandes centros urbanos e na zona rural, entre pessoas com situações socioeconômicas e culturais mais privilegiadas, contrapondo-se às vividas em situações de múltiplas carências.

Nesse sentido, analisam Connell e Messerschmidt (2013, p.245), que em todos os grupos sociais existem a masculinidade hegemônica e as masculinidades subordinadas, distintas. Para eles,

[...] a masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.

Depreendemos dessa análise que, provavelmente, apenas uma minoria dos homens a incorpora. As masculinidades hegemônicas são potencialmente inatingíveis por qualquer homem, existem de maneira forte e consistente no plano discursivo e exercem sobre homens e mulheres um papel controlador. Contudo, sem dúvida, as masculinidades hegemônicas são normativas, seguem e pretendem ditar regras, padrões, modelos.

Também constatamos que as vivências de novas masculinidades não se dão em todas as sociedades nem em todas as classes sociais.

Para as reflexões que se seguem, tomamos como parâmetros os autores e suas respectivas obras: Miguel Vale de Almeida (1995) com “Senhores de si”, Pierre Bourdieu (1995: 2012) em “A dominação masculina” e Sócrates Nolasco (1993) com “O mito da masculinidade”.

“Senhores de si”

O estudo de Miguel Vale de Almeida (1995) intitulado “Senhores de si” aborda a variedade das identidades masculinas e os efeitos da masculinidade hegemônica. Para o autor, as relações entre os gêneros são assimétricas e contextualmente hierarquizadas, são metáforas de poder e podem ser acessadas por ambos: homens e mulheres.

A expressão “Senhores de si”, cunhada por Almeida (1995), um português que estudou como se processa o fenômeno na Aldeia de Pardais, nos é muito familiar. Aprendemos, desde crianças, a noção de superioridade dos homens em relação às mulheres, a vivência de relações de poder assimétricas e desiguais em que a dominação masculina se contrapõe à feminina.

O pesquisador apresenta o masculino e o feminino como “[...] categorias classificatórias, atribuídas a homens e mulheres, usadas para definir a divisão sexual de trabalho, a divisão do trabalho sexual e a dicotomia

³ O trabalho aqui se refere a emprego, exercido no mundo público, e nunca ao trabalho exercido no mundo privado como o doméstico, assumido em sua maioria por mulheres.

sexual na visão de mundo” (Vale de Almeida, 1995, p.19).

Evidenciamos em ‘Senhores de si’ os padrões do masculino esperados dos homens que integraram seu estudo – serem fortes, provedores, conquistadores; se solteiros, ‘farristas’, se casados, ‘recônditos’. Quando reunidos, a conversa entre amigos, predominavam a apologia à sua liberdade, conquistas, aventuras, coragem, determinação, sociabilidades intersexuais (nos bailes, matanças...) e intrassexuais (saídas em grupo e encontros nos cafés e tabernas).

Vale de Almeida (1995, p.59-60) nos narra que, para os habitantes de Pardais,

[...] o mundo divide-se em masculino e feminino, sendo os dois princípios de tipo essencialista. Isto é, a divisão pela dicotomia sexual é tanto uma essência do macho e da vida quanto a divisão entre animal e humano, por exemplo. O lugar da divisão masculino/feminino é o corpo, e como este é visto como o assento da pessoa, a divisão sexual é inescapável como constituinte da identidade e simultaneamente de dois conjuntos de seres humanos: homens e mulheres, nos quais o que nós entendemos por sexo e gênero se sobrepõem como uma e a mesma coisa.

Em consequência do essencialismo, seguem também a dicotomia razão/emoção, os sentimentos, o cuidado de si, os hábitos, as brincadeiras, o lazer, as escolhas profissionais, os princípios da divisão sexual do trabalho, a vinculação ao mundo público, preferencialmente assumido pela maioria dos homens. Ser macho implica a afirmação de um lugar e de uma história, o acesso a bens e a serviços em que predominam ter direitos e poder.

“A dominação masculina”

Poder é uma espécie de categoria que permite a expressão de masculinidades hegemônicas. Poder que, na análise de Foucault (1985, p. XVI), constitui-se em “[...] uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa”.

Longe de ser uma simples categoria, a questão do poder é ampla e complexa, demandando a compreensão de diferentes orientações teóricas, e, entre elas, a de Bourdieu, proclamada em sua obra “A Dominação Masculina” (1995, p. 142) para quem:

Todo poder comporta uma dimensão simbólica [...] Os dominados aplicam a todas as coisas do mundo e, em particular, às relações de poder nas quais eles estão enredados, às pessoas através das quais estas relações se realizam, portanto também a si mesmos, esquemas de pensamento impensados, os quais – sendo o produto da incorporação dessas relações de poder sob a forma transformada de um conjunto de pares de oposição (alto/baixo, grande/pequeno, etc.) funcionando como categorias de percepção – constroem estas relações de poder do ponto de vista próprio daqueles que aí afirmam sua dominação, fazendo-as parecer como naturais.

Outras categorias de percepção, que também se expressam como sendo naturais, fundamentam-se na divisão entre o feminino e o masculino, assentadas na oposição entre o interior e o exterior, entre a vida privada e a vida pública. Esse modelo vem superando a barreira do tempo desde a sociedade burguesa do século XIX, e chegando até a contemporaneidade de forma tão pensada e articulada que influencia, de modo controlador, homens e mulheres. Como analisa Bourdieu (2012, p. 18), “[...] A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem à legitimá-la”.

Nesse contexto, ele ratifica de que maneira a oposição e a hierarquização entre masculino e feminino estão inscritas na ordem social vigente, particularmente nas relações sociais de dominação masculina, nas sociedades contemporâneas⁴.

⁴ Por sociedades contemporâneas entendemos aquelas decorrentes das mudanças ocorridas ao longo de séculos, aceleradas nos últimos tempos pelo progresso científico, tecnológico e a globalização.

A dominação masculina está suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em se dizer nas práticas e discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência, concorrendo assim para fazê-lo ser de acordo com o dizer (BOURDIEU, 1995, p.163).

Às relações sociais de dominação masculina são conferidas concepções biologizantes e naturalizadas das desigualdades entre os corpos dos homens e das mulheres. É um tipo de dominação que impõe pressões aos dominados e também aos dominantes, reafirma Bourdieu (1995, p.142-3), posto que

[...] cada vez que um dominado emprega para se julgar uma das categorias constitutivas da taxonomia dominante [...] ele aplica a si mesmo, sem o saber, o ponto de vista dominante, adotando, de algum modo, para se avaliar, a lógica do preconceito desfavorável.

Uma consequência da dominação masculina é a violência simbólica, que se traduz em imposições tácitas dominantes de um indivíduo sobre outro, geralmente perpetrada por homens que se sentem com o domínio sobre uma mulher ou outro homem a ele subjugado. É aquela “[...] violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2012, p. 7-8).

Por legitimar a cultura dominante, a violência simbólica acaba sendo considerada como um fenômeno natural, associado às masculinidades.

Já dizia Heleieth Saffioti (1987) que o poder do macho se faz presente nas classes dominantes e nas subalternas, em centros urbanos e na zona rural, entre grupos de pessoas brancas e não brancas, escolarizadas ou não. Para ela,

Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada ‘na ordem das bicadas’ é sempre uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres (SAFFIOTI, 1987, p.16).

Também Welzer-Lang (2001, p.461) ratifica que “Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Essa dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos”.

Saffioti (1987) associa, em sua análise, a questão do poder e o prazer, afirmando que além de usufruir uma posição de poder com relação às mulheres no mundo do trabalho, os homens também são os mais poderosos quando namorados, companheiros, maridos, irmãos e pais (ainda que apenas biológicos).

Para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo. Comporta-se, pois, como sujeito desejante em busca de sua presa, esta é o objeto de seu desejo não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto (SAFFIOTI, 1987. p.18).

Muitas vezes, a percepção essencialista das masculinidades poderosas não passa de crenças que, mesmo desprovidas de fundamentação objetiva ou científica, são disseminadas como verdades constitucionais do ser homem - um ‘mito’ como escreveu Sócrates Nolasco (1993).

“O mito da masculinidade”

Os homens crescem acreditando que a masculinidade se assenta, principalmente, na força física, definida pela massa muscular, que os fazem senhores de si e do mundo, como analisamos anteriormente.

Nolasco (1993) realizou um estudo com um grupo de homens, com idades entre 25 e 35 anos, no Rio de Janeiro, em meados dos anos 1980, e lhes pediu para falarem de suas vidas e sobre a forma como se

percebem sendo homens.

O modelo de masculinidade definido correspondeu a padrões já consolidados ao longo da história e que são estereótipos do ser ‘machão’ – aquele que age com firmeza, virilidade, honra, agressividade e, por vezes, violência. Ser viril é ser sexuado, dominador, poderoso; é ter uma prática sexual pela égide da indiscutível ‘superioridade’, do controle da(o) parceira(o).

O homem contemporâneo hipervaloriza sua força física, o trabalho remunerado exercido no mundo público, o acúmulo de bens e patrimônio. Nas relações com outros homens, não partilha sentimentos, prazer, fantasias, fragilidades, angústias e medos. Ser viril é ser sexuado dominador.

Apesar de não se identificarem com esse modelo, os homens depoentes declararam que é um modo de ser ainda marcante em nossa sociedade e época.

Para eles, a exemplo das mulheres, os homens modernos discutem suas identidades e papéis sociais; querem se liberar e aprender a se entregar a novas experiências de ser homem: trocar afeto com outros homens sem ter medo da homossexualidade, participar efetivamente da geração, nascimento e criação dos filhos, ser pais presentes e exercerem, de fato, a paternidade.

Em outro estudo, anos depois, Nolasco (2001, p.13) amplia sua abordagem considerando que,

O exercício de descolamento do sexo de sua representação é recorrente na sociedade contemporânea. Para a sociedade do efêmero, o acidente humano não é o que funda a relação do indivíduo com ele mesmo. Deste modo, deixou de ser relevante se ele (ela) nasce — homem ou mulher, branco ou negro. Para a perspectiva que imagina o indivíduo como uma construção social, isto pouco importa. Sexo ou etnia não têm relevância para uma sociedade que se denomina libertária, igualitária e soberana quanto a liberdade de escolha e expressão.

Entretanto, por outro lado, também se vislumbra um afrouxamento da rigidez no cotidiano da vida de homens e mulheres em que as masculinidades e feminilidades são vividas como um conjunto de qualidades fluidas que podem ser evidenciadas no campo sexual oposto, ainda que as chamadas ‘novas masculinidades’ sejam um fenômeno mais tipicamente urbano e de uma classe socioeconômica e cultural mais favorecida.

O próprio Nolasco (1993, p.15) entrevê novas formas de ser homem, por “[...] compreender que a trama humana é mais complexa do que aquela definida por bandidos(as) e mocinhas(os); que o amor entre homens é possível e que a mulher pode ser interlocutora, cúmplice e amante nesta aventura sem dogmas que é a vida”.

Pela equidade entre os gêneros

Depreendemos das abordagens anteriores que o poder e a dominação, fenômenos atrelados à construção das masculinidades, desencadeiam vivências de masculinidades hoje chamadas de tóxicas.

Na contramão das masculinidades saudáveis, as masculinidades tóxicas são demonstrações negativas do ser homem. Expressando atributos como a virilidade associada à violência, há homens que se desenvolvem ‘falando grosso’, impondo suas vontades, sentindo-se superiores às mulheres e a outros homens, senhores de si, senhores do mundo. Para eles, os traços associados às masculinidades saudáveis são obsoletos e devem ser superados pelo seu jeito de ser e de se expressar no mundo como ‘homens de verdade’ – aqueles que não se emocionam, não choram, que se sentem autossuficientes, machistas, sexistas, agressivos, violentos. Geralmente são radicais, preguiçosos, aproveitadores, exploradores de mulheres que trabalham, irresponsáveis, indiferentes, por vezes estressados e depressivos, sem autocuidado, veem seu corpo como uma máquina e têm hábitos pouco saudáveis, como exagerar na malhação, na bebida, no tabagismo, dormir menos do que o necessário, desprezar as revisões médicas, não fazer exames preventivos⁵ e, até mesmo,

⁵ Há homens que deixam de fazer exames preventivos do câncer de próstata, por exemplo, por considerarem o toque retal como uma medida que fragiliza a sua masculinidade.

adiar a busca de assistência à saúde, quando adoecem.

Dessas e de outras expressões emergem, também, situações de conflitos e crises e, entre elas, a chamada crise da masculinidade.

Nas sociedades contemporâneas, como vimos anteriormente, há oposição e hierarquização entre masculino e feminino, que em alguns homens gera desequilíbrio. Inconformados com as imposições sociais de superioridade, domínio e poder a eles atribuídas, entram em crise. Não mais se sentem felizes sendo machistas.

Em conversa com Bial⁶, o escritor João Silvério Trevisan⁷ admitiu que quando criança seus gostos diferiam da maioria dos meninos a sua volta: gostava de escrever e de brincar de bonecas com suas primas e não com os meninos que eram grotescos, agressivos e violentos. Relembrou o ritual ao qual foi submetido para se tornar “macho”: companheiros lhe jogaram num rio, conscientes de que ele não sabia nadar e se divertiram vendo-o se debater, gritando que aquilo era para ele aprender a ser homem.

Para Trevisan, o masculino é um ‘nó’ - o menino quando nasce já tem uma ferida viva, não cicatrizada, um papel que deve cumprir na sociedade, um padrão masculino imposto cotidianamente – ser forte, briguento, rude, nunca passivo, sempre vencedor.

O desejo de Trevisan de reeditar seu livro, “Seis balas num buraco só”, surgiu a partir de um volume da primeira edição que lhe chegou até as mãos completamente furado, riscado, destruído, com escritos agressivos feitos por alguém que, por certo, sentiu-se atingido pelas verdades no livro contidas – masculinidades tóxicas provocadas pelo machismo, homofobia, feminicídio.

O macho hegemônico tem medo de não corresponder ao que dele é esperado, o máximo que consegue demonstrar de aproximação com outros acontece por meio de lutas em que os toques corporais são desprovidos de afetos, são apenas violentos. Esse macho, heteronormativo, teme a fragilidade, perdeu a capacidade de afetos mútuos.

Na entrevista, Trevisan referencia o Carnaval como uma festa em que há possibilidades múltiplas de expressão dos corpos, gostos e jeitos de ser. Colocando uma máscara, outras se expõem. Os homens que se vestem como o sexo oposto oportunizam violar regras e isso lhes faz bem.

E nesta linha de pensamento, Trevisan enaltece os feminismos que procuram desvendar questões de identidades e de gênero construídas em todas as sociedades e, em especial, nas falocêntricas.

Atuando com base em princípios feministas, contribui para a construção de novas masculinidades no Brasil, entre outros grupos e instituições, o Instituto PAPAÍ - ONG que defende a ideia de que uma sociedade justa é aquela em que homens e mulheres têm os mesmos direitos. Seu principal objetivo consiste em “[...] promover a desconstrução do machismo e a revisão dos sentidos da masculinidade e dos processos de socialização masculina em nossa sociedade”⁸.

Desconstruir o machismo é o principal foco da superação das masculinidades tóxicas.

Publicado originalmente em inglês e espanhol na Revista Pan-Americana de Saúde Pública de dezembro de 2018, o documento “DIRETRIZES DA APA para Prática Psicológica com Meninos e Homens” apresenta um conjunto de indicações e orientações elaboradas por psicólogos/as que, ao reconhecerem as masculinidades construídas com base em aspectos sociais, culturais e normas contextuais e que meninos e homens integram múltiplos aspectos às suas identidades sociais ao longo da vida, aponta medidas em prol da equidade entre os gêneros e prevenção às masculinidades tóxicas.

⁶ Programa “conversa com Bial” exibido em 28 de julho de 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10801472/?s=0s>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁷ Autor de ‘Seis balas num buraco só’, obra, publicada em 1998 e reeditada este ano, na qual discute a relação da masculinidade tóxica com a homofobia, machismo e feminicídio. Fundou um jornal LGBTQIA+ em plena ditadura (1978 - 1981). O “Lampião da Esquina” foi criado dentro do contexto de imprensa alternativa na época da abertura política no final dos anos 1970, durante o abrandamento de anos de censura promovida pela ditadura militar e circulou de 1978 a 1981.

⁸ Instituto PAPAÍ - http://www.papai.org.br/antigo/conteudo/view?ID_CONTEUDO=537. Acesso em: 20 fev. 2023.

Entre elas destacamos ser necessário e imperativo:

- ampliar esforços educacionais que respondam às necessidades dos meninos e homens;
- enfrentar o impacto do poder, privilégio e machismo no desenvolvimento de meninos e homens e em seus relacionamentos com outros;
- reduzir as altas taxas de problemas que meninos e homens enfrentam em suas vidas, como a agressão, a violência, o abuso do álcool e de substâncias psicoativas e o suicídio;
- assegurar medidas, por meio da Educação, que visem a mudar as instituições, problemas culturais e sistêmicos que afetam meninos e homens.

A esses indicativos acrescentamos que é imperativo também adotar medidas de superação de padrões de pensamento desatualizados e potencialmente prejudiciais à saúde física e mental dos homens.

Nesse sentido, Harold Norse⁹ nos diz, por meio de seu poema “Eu não sou homem”:

Eu não sou um homem.
Não gosto de futebol, boxe e carros.
Gosto de expressar meus sentimentos.
Eu gostava de colocar meu braço nos ombros dos meus amigos.
[...] Eu gosto de flores. [...] Choro quando estou triste.
[...] Não me sinto superior às mulheres. [...] Eu escrevo poesia.
[...] Eu medito na paz e no amor. [...] Eu não quero destruir você.

Ao analisar esse contexto das masculinidades não aspiramos à inversão de papéis e de valores, mas sim uma equidade entre homens e mulheres, a equidade de gênero. A equidade é entendida como um princípio que visa a garantir oportunidades e possibilidades equivalentes para homens e mulheres, sendo a equidade de gênero aquela que incorpora medidas legais, medidas que garantam às pessoas, independentemente de seu gênero, ter direitos e oportunidades equivalentes, tratamento igualitário no acesso à educação, à saúde, ao mundo do trabalho, ao lazer, enfim, a todos os direitos humanos.

Referências

- GRUPO DE DIRETRIZES PARA MENINOS E HOMENS. Diretrizes APA para Prática Psicológica com Meninos e Homens. In: AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, BOYS AND MEN GUIDELINES GROUP. *Apa Guidelines for Psychological Practice with Boys and Men*. 2018. p. 6-20. Disponível em: <http://www.apa.org/about/policy/psychological-practice-boys-men-guidelines.pdf>. Acesso em: 31 set. 2022
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. Fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. *Educação e realidade*, v. 20, n. 2. p. 133-184, 1995.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.; Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista de Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2022.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

⁹ Harold Norse - escritor e poeta americano com obras que expressam linguagens e imagens do cotidiano. Disponível em: <http://defrentecomoslivros.blogspot.com/2013/06/eu-nao-sou-homem-harold-norse.html>. Acessado em: 07 set. 2022.

KAUFMAN, M. Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. *In: ARANGO, A. et al. Gênero e identidade: ensayos sobre lo femenino y lo masculino*. Bogotá: T.M./UNIANDES/UM, 1995.

NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, S. O apagão da masculinidade? *In: Trabalho e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ano I - Nº 2, p. 9-16, 2001.

SAFFIOTI, H. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

TREVISAN, J. S. Entrevistador: Pedro Bial. Entrevistado: João Silvério Trevisan. *Entrevista concedida ao Programa Conversa com Bial*. São Paulo: Rede Globo, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10801472/?s=0s>. Acesso em: 31 set. 2022.

ALMEIDA, V. M. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008/8853>. Acesso em: 01 set. 2022.

Recebido em: 26/10/2022

Aprovado em: 22/02/2023